

# S.O.S.

Comedia em três actos  
original de Alice Ogando

Agosto: 1936.

MUSEU DO TEATRO

Companhia  
ILDA STICHINI  
ALVES DA COSTA

ao subir do pano: Tor (dentro, na taberna)

Quivi dizer que dizias  
que ja não me querias bem,  
eu mintto todos os dias,  
dizendo o mesmo tambem.

Cenário:

1.º acto.

Um trecho de cais. Navios do F., suavemente embalados pela água tranquila. A um lado, uma taberna de marinheiros, pouco ruidosa já. São 2 horas da madrugada. Uma mulher entra desvairada, olhando à sua volta, numa inquietação crescente. Um marido fuma distraidamente, encostado à ombreira da porta da taberna. Vendo aquela mulher, olha-a com curiosidade. Ela afasta-se mal notou que foi vista. Ele entra um pouco mais para dentro da taberna, sem deixar de olhar para a rua. Um momento depois a mulher aparece outraves, - aquele deve ser o único lugar deserto do cais. Fita o mar fixamente como a procurar coragem para o salto final. O marido que a segue com a vista corre brusca-mente a segura-la ao perceber-lhe as intenções.

marinheiro 2

Então que é lá isso? A madama sabe nadar?  
(ela não responde) Não? Ah! bem... naturalmente pertence á sociedade Protetora dos peisinhos pobres... vem-lhes dar de comer.

Ela (despreendendo-se)

Deixe-me! Deixe-me...

marinheiro

É o deixas... nada que eu quero poupar

Trabalho a policia maritima que emborra com a pesca ao caudeio. Behe lá, a senhora bebeu-lhe, hein? Vocês não acreditam que ele trepa!... Agua por fora, não atrasa, palavrinha. Behe que ~~isto de vir aqui ouvir a voz do mar é perigoso...~~ o mar não é brinquedo para crianças... cuida-do... ~~ele chama... é uma voz a que ninguém resiste.~~

3

Ela.

Deixe então que eu não lhe resista também... a resistencia também cansa...

Marinheiro.

Tenha juizo... Queria talvez oferecer aos peixes o seu precioso cadaver. Pauto banquete, sim senhor! E ia toda, bem vestida para a dança da morte... (ela chora)

4

Esta a chorar? Porque? Bê lá um ársinho da sua graça, ande... eu não gosto de ver uma mulher chorar. Feche o chafariz, faça favor. Tem pio?

ela.

Não.

Ele.

Qual não tem, eu tenho, quanto mais a senhora que anda vestida de mi... Vamos ali tomar um cafésinho? Vamos não, vou eu,

5

porque aquilo não é muito rigoroso para senhoras... (levando-a até ao degrau de uma porta) Fique aqui quietinha um instante... Está gelada! O cafésinho vai fazer-lhe bem, verá.

Ela.

Não quero nada, obrigada...

Ele.

Qual não quer. (chamando à p. da taberna) Ó rapaz, traze aqui um cafésinho quente, depressa. (o criado ap. e dá-lhe a chaleira saindo em seguida) Aqui tem, beba, ohe que sempre é melhor água do pote quente do que água do mar fria e salgada... Está melhorzinha agora?

Ela.

Estou bem. Não se incomode por minha causa que não vale a pena.

Ele.

Não me incomoda nada, ohe que se tivesse que a despertar d'ali, o trabalho sempre era maior e o espetáculo menos divertido, vamos, tenha juízo. Agora vou lá dentro levar a chaleira, é só um minuto, mas faça favor de contar até 20 enquanto eu lá chego. É só para eu ter a certeza de que não me esqueça enquanto eu volto às costas.

Ela.

Deixe-me, peço-lhe...

Ele

(5 A)  
Se não conta não saio d'aqui, mas mulheres não se pode ter confiança, são volúveis como o mar... fazem-se às vezes também de vaga mansa mas é só para enganar o marinheiro.

Ela.

Bem, então eu conto... um, dois, três, quatro...

Ele.

(entra e sai logo da taberna) Obrigado. Ora agora vamos lá a saber que mania foi essa de vir tomar banho fora de horas? A snr<sup>a</sup> queria morrer, com certeza não era fita. Por estes pitios não passam homens ricos que sabem donselas infelizes de morrerem afogadas.

Ela.

A vida não vale a dor de a vivermos.

Ele.

Isso é o que a senhora diz, porque não tem sabido goza-la e sofre-la. a vida é isto tudo... a amplitude do mar... o desconhecido... o imprevisto... o amor... Tem frio?